ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 5 do 5.º Ano—N.º 205

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 29 de Outubro de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranense

A PROPOSITO

Eles bem sabem, por anteriores e convincentes provas, que os resultados de quantas *bernardas* promoverem sam praticamente nulos para a restauração do regimen monárquico — isto é, para a reposição da roubalheira impune e voraz. Eles bem sabem que se a estafada causa pudesse triunfar pela fôrça não seria agora o momento oportuno, quando o exército melhor se prepara para fazer a guerra. Eles compreendem-no e não disistem.

Não desistem porque, se as constantes alterações da ordem pública não sam suficientes para derrubar a República, sam, pelo menos, avolumadas pela imprensa indecorosa de que dispõem, motivo para a desacreditar perante o estranjeiro. Eles pressentem a falência cada vez mais patente dos seus falsos princípios, como pressentem o momento azado para levantarem actos de indisciplina e violência.

Os maus patriotas compreenderam que a unidade moral do país se consolidava bem como a sua integridade territorial com a nossa justa e solidaria participação no grande conflito europeu. Os monárquicos viram (e disso tiveram a prova dolorosa com a recente visita dos cruzadores inglês e francês) que a República portuguêsa subia no conceito das grandes nações onde existe o culto da liberdadade — e conseqüentemente cada vez era menor a pretensa probabilidade de o país voltar ao potentado absolutista doutros tempos ou perder a soberania de nação independente, como êles bem desejariam. E como tudo isto compreendessem, o que aliás era bem fácil, começaram a campanha dissolvente contra a nossa comparticipação na guerra. Essa campanha foi acrescentada com a ridicula sublevação de Mafra, com o platonismo conhecido do corte de fios telegráficos e com os criminosos atentados a comboios de passageiros indefesos.

Notícias pavorosas completariam a obra iniciada. Ficar-se-ia sabendo lá fóra que em Portugal reina perpetuamente a desordem, que Portugal não póde participar na grande guerra visto ter a guerra em sua própria casa. Isto queriam êles fazer acreditar, criando-nos assim uma situação externa deploravel e desprezivel perante a nação inglêsa, a quem lealmente oferecemos o nosso esforço e o nosso auxílio. Insidiosamente puzeram-se ao lado dum país, aliás grandioso, mas que não tem afinidades nem sequer com as suas crenças religiosas — visto que os exércitos da imperial Alemanha derruem iconoclastamente as catedrais católicas.

Mas os monárquicos portuguêses, aos quais pertence grande parte do clero nacional, e que usam nas cavalheirescas espadas legendas invocando santos e trazem veneras ao pescoço nada se importam com isso, atendendo apenas a que se a Alemanha saísse vitoriosa a república portuguêsa seria derrubada (e com ela a própria pátria), mas o seu ódio obcecante e insaciavel ficaria satisfeito. Por isso êles se esforçam em provar covarde e falsamente que o país só tem a perder em mandar homens para os campos de batalha, que vai ser como que a renovação do desastre de Alcacer-Kibir de funestíssimos resultados, que se pretende consolidar um regimen com o sangue de irmãos, etc., etc.

Certamente que aquele a quem couber a sorte, fatal ou feliz, de ir combater lá longe pelos aliados e por nós próprios, por estranjeiros e pela nossa pátria, mas unidamente pela libertação dos povos e pela paz universal — certamente que êsse fará o sacrificio de tudo quanto lhe é querido, filhos, mulher, o lar, amigos, o bem estar, mas tudo isso não passa dum sentimentalismo de importância secundária ao lado dos grandes princípios colectivos a defender e a fazer respeitar.

E então vem o reacionarismo hipócrita, com suas lágrimas de reptil manhoso chorar o sangue de irmãos e as futuras listas de mortos — como se não conhecessemos que êles choram com o pavor da própria pele ameaçada no grande campo da luta, onde se põe à prova tudo o que na alma humana existe de verdadeiro, heroico e desinteressado.

Felizmente que o exército português tem o soberano desprezo de todas essas lamúrias e não deixará, agora como sempre, de cumprir o seu dever onde quer que o chame a dignidade, a honra e a disciplina, e partirá não com o receio desprezivel de morrer mas com a idea radicada e decidida de vencer.

Mário Cardoso.

A Conspirata Monárquica

O digno administrador dêste concelho, cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, acaba de receber o seguinte telegrama:

Administrador concelho Guimarães — Sirva-se agradecer em nome Ex.mo Presidente Ministério a todos os elementos civís dêsse concelho o concurso que acabaram de prestar à defeza da República.

Governador Civil,

Carlos d'Oliveira.

Identicos telegramas foram dirigidos aos administradores dos concelhos de Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto e Fafe.

ECOS

Calados

Os jornais monárquicos da localidade, não dizem uma palavra sobre a última investida dos «seus iguais».

¿Será manifesto desacordo com os mesmos por êles haverem colocado bombas sôbre as linhas ferreas, na ***piedosa*** *intenção de fazer ir pelos ares alguns comboios de passageiros?*

E' natural que seja isso... pois que êles, na sua ***pureza*** *de princípios, não suportariam, sem protesto, que os «sens iguais» usassem processos tam hidiondos e monstruosos.*

—Sómente o protesto... ainda não veio à luz.

*

Alpoim

¿Viram os comentários feitos por o cronista à última intentona monárquica?...

E' que Alpoim desconhece os factos, e por isso se absteve de os comentar.

Só êle, *por uma teimosa aberração da vontade, os desconhece —o que não obstará que venha pedir nova amnistia.*

Désse modo dará mais uma prova «da sua cada vez maior confiança na democracia».

Só a democracia... é que cada vez menos confia nêle.

*

Um chefe

Há criaturas que, não obstante a má causa que defendem, conseguem todavia atrair sobre si a simpatia dos adversários, dado o modo como se conduzem e portam.

Aquele dr. Pacheco Soares, preso em Mafra como caudilho da saloiada caída na esparrela da 4.ª investida monárquica, tem a seu favor a circunstância de querer para si toda a responsabilidade do movimento fracassado —declaração que, se êle mantiver até ao dia do julgamento, o que duvidamos, envolver-lhe há sua sentença duma aureola de brio e de respeito, e a sua consciência de paz e serenidade.

*

Um vencido

A linguagem dos vencidos é enxertada nestes discolos:

> «A nossa vitória, devido à bem preparada ramificação em todo o país, estava mais que garantida, mas afinal, tudo nos falhou. Quem em primeiro lugar devia aparecer, nem sequer deu sinal de si. Uma verdadeira cobardia!

Tudo preparado... na fantasia de uma duzia de doidos que costumam ficar atrás de todas as revoluções libertadoras, possuidos da alucinação do ódio contra aqueles princípios novos que, dos velhos princípios, triunfaram definitivamente.

*

Efeitos

Sempre que os «sebastianistas» da Monarquia veem à rua fazer um ensaio para a sua grande revolução de caranguejo, — e com esta é a 4.ª vez que êles arremetem — coincide com êste facto o assalto aos jornais por parte do povo republicano indignado.

Milhor fora que a coincidência se não desse, visto que ela colide com o próprio prestigio das instituições. ¿Mas de quem é a culpa? Déles mesmos, —o que é mais um mau serviço que êles prestam à República.

E' da sabedoria das nações: «Quem semeia ventos, colhe tempestades»!

*

Crendice

Em Tarouca lá andam de novo às voltas com uma santa... feita pelos taberneiros e pela carolice palerma daquêles sítios.

Estamos, todavia, no século XX, asseveram-nos — como se semelhantes correntes de católica superstição, onde de todo se embota o senso popular, não fôsse isso mais consentâneo com os tempos da Idade-Média.

Um pároco do lugar, vimos já que levou o seu protesto junto do bispo. Há porém outros colegas, mais bonzos, que alimentam a estupida crendice do povoleu ignaro e beato — porque, é evidente, da exploração também se vão ***alimentando****.*

*

Alerta!

Um dia lemos que a Monarquia constitucional, teve de suportar, durante um periodo de 15 anos, quasi outras tantas sublevações populares geradas e alimentadas pelo ódio miguelista.

Registado êste exemplo, resta que nós, os republicanos, ofereçamos a êstes... outros 15 anos de sentinela.

*

Cordealidade

Alguns colegas republicanos já se queixam dêste «reinado» de cordealidade governativa, pois lhes parece mais conivência que bondade, mais fraqueza que tática politica.

Nós vamo nos inclinando também para a opinião dos colegas.

E' que nos lembra aquêle caso do jesuita Pestana... daquêle que queria vir morrer para a sua pátria, havendo-a renegado nos votos feitos à sua Ordem.

*

A sua gente

Reparem! Em quasi, se não em todas as fracassadas intentonas, quem constitue o grosso das tropas, é o campónio, é o saloio, é a massa rural. As povoações urbanas, o proletariado das cidades, se há aí elementos aliciados para tais proesas, êsses são uma percentagem tam pequena que mal se destaca.

Só os tristes e ingenuos carneiros de Panurgio é que se deixam arrastar pelas virulentas sereias da morte.

Não tardará, ***porêm,*** *que êstes também acordem e lhes respondam —com as armas de S. Francisco.*

Basta para isso convencê-los— de que as amnistias acabaram!...

EDUARDO D'ALMEIDA

Advogado

Tem o seu escritório no Internato Municipal onde pode ser procurado todos os dias úteis das 11 ás 16 horas.

Instituto Branco Rodrigues

«Dai trabalho aos cegos e não esmola».

A direcção do Club de Carcavelos convidou os alunos cegos desta instituição para irem tocar piano quatro vezes por semana, na séde daquela sociedade.

O Salão Cinematográfico de Paredes tambem contratou um aluno cego para ir executar a parte musical das sessões, trabalho que já desempenha há um ano com muito agrado do público.

Metade da importância que os alunos ganham, pertence-lhes e a outra metade é destinada à compra de instrumentos e de musicas em relêvo.

Ambos estes estabelecimentos cooperam assim com o fundador do Instituto para dar realidade à divisa da sua instituição: *«dar trabalho aos cegos e não esmola».*

A alma francêsa

Uma carta de Brieux, lida nos acampamentos da guerra aos soldados francêses, sem família

Evidentemente, bem poucos são, entre os nossos soldados, os que nunca recebem cartas. Mas, se houver só um, é para êsse que eu escrevo. Vejo-te daqui, meu pobre rapaz; vejo o teu aborrecimento e a tua tristeza quando o cabo de dia aparece, com o maço de cartas na mão, e começa a chamada: *Fulano*, *Cicrano*, *Beltrano*, e distribue por todas aquelas mãos ávidas os sobrescritos que conteem os votos da família e os beijos de mãe. Está tudo em silêncio, de ouvido à escuta. Só tu não. Já sabes que não há nada para ti. E até, quando todos os outros correm ao encontro do distribuidor de alegrias, tu afastas-te, porque já sabes que o maço, por mais volumoso que seja, não traz nada para ti, e tu não queres que os teus camaradas constatem que não tens família, que ninguêm te escreve. Não choras. Estás habituado à tua desventura. Bem sabes que não és como os outros. Cada um dêles tem um pai, uma mãe. Tu nunca os tiveste. E's só. E contudo bates-te, com os teus camaradas. E ainda quando apenas faças tanto como êles, fazes mais. Eles batem-se para defenderem os lares dos seus maiores, para lhes defender os bens; e contudo bateste-te com tanta coragem como os que recebem cartas por todos os correios. Então por quê e por quem estás tu no fogo? Talvez nunca pensasses nisso. Vou dizer-to. Bates-te pelo futuro. Os outros batem-se pelo passado ou pelo presente. Tu, é pelos filhos que has de ter. Se na verdade há quem se bata por um ideal, esse alguêm és tu. Lutas pelos pequenos francêses que acabam de nascer e pelos que hão de nascer, afim de que êles não tenham de sofrer a vergônha do domínio dos bárbaros, do domínio dos que esbofeteiam os seus próprios soldados, a tirania dos que assassinam feridos, fuzilam velhos, estripam raparigas, queimam aldeias e bombardeiam catedrais. Se morreres nessa missão, ninguêm chorará por ti, meu pobre rapaz. Mas tu não morrerás. Quando voltares vitorioso, bem sabes que só receberás homenagens colectivas. Depois de teres ouvido as aclamações da rua, encontrar-te-hás só, *como de costume*, ao passo que outros irão todos para casas onde são esperados, fazer com que lhes humedeçam os rostos lágrimas de mães frementes de alegria e beijos de irmãosinhos um pouco assustados perante quem vem da guerra. Não há para ti um canto de lareira onde seja colocado o joven herói, que partiu garoto e voltou marechal, e que terá de contar, perante vizinhos expressamente convidados para isso, os seus desgostos e as suas glórias. Coragem, meu bom rapaz! Vou dizer-te uma coisa, fazer-te uma profecia: a rapariga bonita em quem pensas, a quem não ousaste confessar o teu amor, aquela que tu amas ou vais amar, para ti volverá olhares mais ternos quando, no teu regresso, souber que fôste corajoso. Continúa, pois, alegremente. Não penses que vais morrer. E' preciso que não môrras. E, na guerra, o melhor meio de não morreres é matares o que te visar. Fugir não serve de nada. As balas andam mais do que o mais veloz dos corredores. Tem confiança! A vida foi sempre injusta e cruel para ti. Deve-te uma compensação. Não digas que te vais sacrificar, mas sim que vais vencer. Não tenhas vergonha de ser aquele a quem ninguêm escreve. Sê orgulhoso. Os outros nasceram com uma família já constituida. Tu terás o orgulho de criar a tua. Eles receberam e tu darás. O teu papel é o mais belo. Ainda uma vez, meu filho, coragem e boa sorte. E deixa enviar-te um beijo, eu, que não tenho filhos, a ti que não tens pai.—*Brieux*, da Academia Francêsa.

Palavras de Clemenceau, no Parlamento, depois da declaração de guerra da Alemanha

.....

¿Que dizeis, vós, soldados da Alemanha, que vindes ao nosso território, sem terdes nada de que vos queixar contra nós para realizar êsse acto superior da civilização? Dizei, suplico-vos, o mal que vos fizemos, afora a censura que vos fazem os da Alsácia e de Lorena pelo só facto de que êles vivem com o mesmo direito que vós. Dizei, vós, filosofos, que classificais todas as vossas concepções do mundo em categorias intangiveis. Vós, sábios, que elaborais os laboriosos métodos para penetrar na noite do desconhecido. Vós, homens práticos que podeis desmontar e tornar a montar o mecanismo das coisas. Vós, artistas de idealismo com asas de chumbo. Vós, *social democratas*, que quereis a justiça para os homens, reuni-vos em doutas assembleias plenárias e dizei-nos, se o podeis fazer, o nome que tem a causa que vos coloca à nossa frente. Vós não combateis pela vossa pátria. Durante quarenta e quatro anos, sofremos todos os vossos ultrajes, todas as vossas agressões, e não vos atacamos. Vós não defendeis sequer a Austria, vossa aliada, pois que até aqui ela não está em guerra connosco e aceitava pelo contrário a mediação da Inglaterra no mesmo dia em que declarastes guerra à Rússia. Buscai um pretexto honroso, uma mentira decente que possa iludir os espiritos mais broncos: chegais a uma situação em que os não encontrareis. Isto em verdade, basta para julgar um povo. Vós combateis para obedecer e não para serdes independentes. Por isso, vedes como de toda a parte nos chega o concurso das armas e dos corações. A Inglatera não vos quer acompanhar. Ameaçais a Holanda, a Suissa, ultrajais a Bélgica porque, para vós, o mapa do mundo seria mais belo para vêr, se pudésseis arredondar os vossos domínios com os alheios, tal como o jogador que, não satisfeito com o que ganhou, quer apropriar-se do ganho dos outros. Isto tem na lingua francêsa e mesmo na vossa, um nome, mas não ousareis inscrevê-lo na vossa bandeira. A história é menos escrupulosa, e quando os vossos combatentes que, na sua consciência escura, duvidam da bondade da sua causa, sentirem flectir a sua coragem perante a idea de morrer para a realização de propósitos que se não atrevem a formular, a bandeira tremerá nas suas mãos, ao passo que a nossa dominará a batalha, chamando todos os corações para o sublime sacrificio pela alma e pelo corpo da pátria.

O MEU QUARTO

Agosto. A paz. Uma manhã doirada.
Do alto azul, um sol radioso e lindo.
Sôbre a janela, os cachos descobrindo,
a verde floração de uma latada.

Cá dentro, a meza, em pinho e bem quadrada.
Num púcaro, uma hortência, florindo.
E agora eis o papel, o seio abrindo,
e em frente um riso da mulher lembrada.

Olho ao alto. E a pender, de ambos os lados,
oragos de abadia, encaixilhados,
das rubras silvas, num sorrisso, ao centro.

Reclino-me. Escrever? De que servia?
Eu não me atrevo a imaginar poesia
quando ela me entra p'la janela dentro!

Minho — 1911.

Alfredo Guimarães.

A doutrina do decreto que vai julgar os rebeldes da última intentona monárquica

Atendendo a que, se qualquer regímen político mais se impõi e defende pelos honestos e justos intuitos e actos dos seus representantes, nem por isso deve deixar de reprimir os ataques com que os seus inimigos pretendem destrui-lo;

Atendendo a que, se é certo que a substituição no país, do regimen monárquico pelo republicano, em 5 de outubro de 1910, constituiu justificado motivo de júbilo para os que viam nele a realisação de ideas por que combateram e até sofreram, não é menos certo que tal substituição foi bem aceito por todos os que, amando a sua Pátria, se não podiam conformar com a lastimavel situação a que tinha baixado, e que em grande parte não podia deixar de atribuir-se aos desmandos dos representantes daquele regimen;

Atendendo a que, se o novo regímen apesar dos seus honestos intuitos pode ainda dar plena satisfação às espectativas mais ardentes,—o que por mais de um motivo é inteiramente explicavel—não pode tal facto desculpar a pretenção dos que, louca ou criminosamente, tentem fazer regressar o país a um regímen que só pode ter deixado saudades aos que, salvas justificadas excepções, coloquem os seus sentimentos de vaidade ou as suas comodidades pessoaes acima dos interesses do mesmo país;

Atendendo a que, se aquela pretenção sempre tem sido codenavel, mais o é hoje, em presença do estado de guerra em que se encontram algumas nações, e no qual poderemos ter de tomar parte, em virtude de tratados que por todas as fórmas nos cumpre honrar;

Atendendo a que, não obstante isto, houve quem, obcecado pela aludida pretenção, escolhesse para tentar realisá-la este momento em que os destinos de muitos povos europeus, sem exclusão do nosso, se estão jogando ao longe nos campos da batalha;

Atendendo a que, para desarmar os inimigos do novo regimen político, não tem bastado a generosidade deste nem os beneficios resultantes para o país de muitas medidas e actos dos seus representantes, tendo-o por isso forçado a tomar providências, que bem desejaria poder evitar, e entre estas a da publicação, além de outros, dos decretos de 28 de dezembro de 1910 e de 25 de outubro de 1911, das leis de 30 de abril e 5 de julho de 1912, e do decreto de 16 do mesmo mês e ano, visando todos estes diplomas a reprimir os criminosos ataques dos mesmos inimigos;

.....

Termina este decreto por indicar que aos delinqùentes presos em flagrante delito se siga a forma de processo sumário, prescrita no Código do Processo Criminal Militar.

Tem o govêrno em vista não demorar êstes julgamentos, evitando-se que se perca muito tempo, —sem proveito para os reus e muito menos para o país, que tem, positivamente, mais, muito mais que fazer.

Uma opinião sôbre o clima de Guimarães, pelo dr. João de Meira, expressa na sua dissertação apresentada à Escola Médica do Porto, em 1907

.....

O clima da região não é, pelo que acaba de vêr-se, o que póde chamar-se um clima são.

Se a média temperatural o coloca na linha de 15.º, é à custa de calores excessivos no verão e frios rigorosos no inverno.

As chuvas são abundantes na época invernosa, sem que da sua abundância possa tirar-se grande proveito, visto ocorrerem na época em que menos precisas são e o solo, em virtude da sua natureza, não as pode reter.

Os ventos sopram mais das duas terças partes do ano, com grande preduminância das nortadas cortantes e desabridas.

Os poetas líricos que teem cantado o perpétuo azul do nosso céu ignoram, como bons poetas, que só uma pequena parte do ano êle deixa de andar coberto de nuvens ou carregado de chuva.

Não é pois o Minho, nem a região que nêle mais nos interessa, o que propriamente pode chamar-se um Eden.

Muito ao contrário. A cidade de Guimarães, por exemplo, envolta todas as noites em neblina que o sol dissipa a custo pela manhã, ora sujeita a frios polares, ora a calores tropicais, é terra que na parte baixa pode bem dispensar as viciações do agregado urbano, para se apresentar como das mais insalubres do país.

DUELO

Cite uma só das culpas que me atribue, uma só. A inocência é como o espaço— ainda que lhe atirem toda a lama dos charcos não se lhe apéga a minima parcela por falta de apoio: o lôdo volve ao lôdo. Se eu houvesse incorrido em algum crime, já a denúncia andaria a apregoá-lo em triunfo. Se a senhora suspeitasse de que eu tinha um pensamento impuro e se, sacrificando-me, pudesse apoderar-se de minha alma, não hesitaria um segundo em arrancar-me o coração para expôr a seu filho as provas justificativas da sua perseguição tenaz.

—E eu persigo-a?

—A mim? Tenho eu acção livre nesta casa? Vivo sob custódia: seus olhos são os meus pagens. Os seus ouvidos estão sempre à escuta e, ainda a distância, não perdem o ruido das pulsações do meu coração. Confessou que a invejo porque nunca imaginei que alguêm pudesse andar com tanta sagacidade que furtasse a sombra ao sol e ensurdecesse os passos como se trouxesse nos pés sandálias de silêncio. A senhora surge ante mim como se se formasse instantâneamente. A's vezes um leve estrépito chama a minha atenção, volto-me para a porta, julgando que é alguêm que entra... é a senhora que sai. Espia-me, não é verdade?

—E não posso andar pela casa? Quer, talvez, que eu viva encerrada no quarto como uma prisioneira? A casa é de meu filho, creio.

—Diz bem—a casa é de seu filho. Permita, porêm, que eu recorde á sua memória que êle me foi buscar ao lar de meus pais, não para cumprir uma pena injusta, mas para ser amada.

—E que lhe falta?

—Tudo!

—Tudo...

—Sim, tudo! desde a liberdade até à honra. Vivo aqui como presidiária e infamada por todas as desconfianças, maculada por insinuações. Se me distraio um momento arrisco-me a cair em uma cilada. As armadilhas são muitas e, como sigo descuidada, porque não penso em maldades, não duvido ser vitima de uma das traças pérfidas que se cruzam na minha vida. A senhora é a mãe, eu não sou mais que a esposa. O seu direito é mais antigo, é por isso que me atormenta. A intrusa deve ser repelida e, para que sáia, constrangem-na de todos os modos: no corpo, com o martírio; na alma, com o aviltamento. Deixe-me falar. Acusa-me de indolência se me levanto depois dos criados; acha-me vaidosa porque me visto; entende que sou descuidada porque prefiro o piano, o jardim ou os livros à copa ou à cozinha. Se me entrego, por vezes, à saudade, a senhora vem rondar a minha melancolia; se escrevo, procura lêr as minhas cartas. O meu sôno é vigiado. Porquê?

—A senhora o que pretende é apartar-me de meu filho. Pois engana-se: se êle a escolheu entre tantas que lhe apareceram (porque não precisa do casamento para viver) foi porque a julgou digna do seu afecto.

—E não sou?

—Não é.

—Porque?

—Não se póde amar verdadeiramente o homem cuja mãe se detesta.

—A senhora vive como o assombrado que toma o rumor dos próprios passos por estropiada de inimigos. Não a detesto. Quem vive sempre no ódio não póde ver o amor. O espírito prevenido é como o olhar que fita um só ponto—para qualquer lado que se volva vê sempre a imagem que se lhe gravou da retina. Não a detes-

Pelo aniversário
DA
"Alvorada,,

Do *5 de Outubro* de Vila Nova de Gaia:

«Entrou no 5.º ano de existência o nosso presado colega vimaranense *A Alvorada*.

Jornal bem feito merece ter uma vida longa e próspera.

São êsses os votos que fazemos ao saudá-lo pelo seu aniversário».

Da *Justiça de Fafe:*

«Alvorada»

«Este brilhante semanário que se publica em Guimarães entrou no quinto ano da sua publicação.

Ao bom colega enviamos as nossas felicitações e desejamos-lhe uma vida duradoura para continuar a defender a República e os interesses locais daquela linda cidade.»

Aos presados colegas, o nosso reconhecimento pelas suas boas e amigas palavras.

Comissão Executiva
DA
Câmara Municipal

Sessão ordinária de 28 de Outubro de 1914

DELIBERAÇÕES

—Foi lido um ofício do Inspector do Círculo perguntando se a Câmara aceita, em virtude de processo disciplinar, a tranferência ou permuta para outras escolas do concelho, dos professores Mário Augusto Vieira, Ermelinda de Sousa Machado, Florinda Marinho da Mota e Beatriz de Jesus Pires da Veiga.

—A Camara, reconhecendo a inadiavel necessidade em estabelecer a ordem e a harmonia nas escolas centrais, como por mais duma vez a reclamou das estâncias competentes e tendo em vista tam sómente os interesses da instrução, concorda na transferência ou permuta das professoras para outras escolas do concelho, mas não aceita de maneira alguma que o professor Mário Augusto Vieira, seja colocado em qualquer escola do concelho, pois que é um elemento perturbador no seio da classe, um incorrigivel, um indisciplinado, pesando além disso sôbre êle acusações gravíssimas, que são do dominio público e que o tornam indigno de exercer a nobre missão de professor e muito menos de educador.

Deliberou notificar ao chefe dos impostos que o regulamento se encontra em plena execução e que lhe cumpre executá-lo rigorosamente, em todas as suas disposições e que apresente na primeira sessão os motivos por que não deu cumprimento a diversos dos artigos do regulamento.

Que informe mais se lhe consta que alguns individos estão avençados sem que a respectiva avença lhe tenha concedido pela Câmara conforme deliberação anterior.

Resolveu oficiar aos chefes dos impostos para notificar aos guardas-barreiras para dar cumprimento ao artigo 9.º até á proxima sessão, caso contrario serão demetidos.

Que o mesmo chefe justifique perante a Câmara o facto que a esta consta que está fazendo o serviço na barreira da Avenida Miguel Bombarda, um individuo que não tem nomeação legal, cujo vencimento não poderá incluir na folha do pessoal.

—Deliberou por a concurso a escola de Santa Maria do Souto.

—Deliberou nomear delegados paroquiais de Infias Manuel Damião Guimarães e Guilherme José Cibrão.

—Deliberou que na secretaria da Câmara se adoptej̃a nova ortografia.

—Deliberou mandar organisar um projecto das obras necessárias para se instalar no edifício da rua das Lamelas, aonde funciona o tribunal judicial, todos os cartórios e outras repartições que tenham relação com os serviços judiciais.

—Deliberou nomear para a comissão do recenseamento militar os cidadãos: António da Cunha Mendes, José de Oliveira Meira, Alberto Ferreira Carneiro e Agostinho Fernandes Rocha efectivos; António de Sousa Guise, Albano Pires de Sousa, Carlos Alberto de Faria e Sousa Abreu e Manuel Caetano Martins, substitutos.

Sendo 24 horas foi encerrada a sessão.

Por falta de espaço daremos no próximo número os requerimentos presentes a esta sessão.

REPORTAGEM

Aos mancebos das últimas inspecções

Principiam no dia 9 de Dezembro, no tribunal militar de Braga, as novas inspecções aos mancebos que recentemente foram julgados incapazes pelas juntas militares. As inspecções são nos seguintes dias:

9—S. João de Airão, Aldão, Atães, Azurem, Balazar, Santo Estevam de Briteiros, Santa Leocadia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, S. João e S. Miguel das Caldas de Vizela, Caldelas, S. Tiago e S. Martinho de Candoso, Costa e Creixomil.

10—Donim, Fermentões, Figueiredo, Gandarela, Gemeos, Gominhães, Gonça, Guardizela, Santa Maria da Oliveira, S. Paio, S. Sebastião, Infantas, Infias, Lobeira, Longos e Lordelo.

11—Mezão-Frio, Moreira de Conegos, Nespereira, Oleiros, Paraiso, Pentieiros, Pinheiro, Polvoreira, Ponte, Santa Eufêmia de Prazins, Rendufe, Ronfe, S. Martinho, S. Clemente, S. Lourenço e Vila Nova de Sande, S. Cristovão e S. Jorge de Selho, S. Torquato, Serzedêlo, Serzêdo, Silvares, Santa Maria e S. Salvador de Souto, Tagilde, Urgezes, Vermil, S. Faustino e S. Paio de Vizela.

Para o transporte, que é gratuito, devem reclamar-se as guias na câmara municipal dêste concelho.

Associação dos Proprietarios e Lavradores

Reuniu no sábado á noite a assemblea geral da Associação dos Proprietários e Lavradores desta cidade, a qual foi bastante concorrida. O fim daquela reunião foi para se ouvir uma comunicação que o distinto agrónomo sr. João Mota Prego teve a bondade de fazer, no intúito de se estabelecer uma cooperativa de leite, da qual advirão certamente os maiores beneficios para êste concelho. Assumiu o lugar da presidência o sr. dr. Joaquim José de Meira, que convidou para secretários os srs. Raul Brandão e Eleutério dos Santos. Constituida assim a mesa presidencial, foi dada a palavra ao sr. António de Carvalho, presidente da direcção da referida colectividade, o qual, em breves mas eloquentes palavras, se referiu ao trabalho do sr. João Mota Prego. Explanou seguidamente o assunto em questão, mostrando com argumentos os enormes lucros resultantes do estabelecimento da cooperativa que se destina à fabricação de manteiga e de outros produtos congéneres. Ambos os oradores foram ouvidos com geral agrado, sendo muito ovacionados. A assemblea geral deu todos os poderes à direcção da Associação dos Proprietários e Lavradores para pôr em prática o mais cêdo possivel o plano apresentado para a instalação de tam proficuo melhoramento.

Foros

A comissão executiva da Câmara Municipal dêste concelho, resolveu abrir o cofre municipal para a cobrança dos foros vencidos no dia 29 de setembro do corrente ano.

O praso estipulado é de 30 dias a contar de 26 do corrente mês.

São prevenidos os interessados de que os conhecimentos dos referidos fóros que não forem pagos durante o indicado praso serão relaxados, afim de ser cobrada a sua importância por meio de execução administrativa na conformidade da lei, tendo porisso os interessados de pagar ás custas a que derem causa.

Mercado

—Os preços dos cereais no último mercado, foram os seguintes:

Milho branco, o alqueire, 660; dito amarelo, 640; dito alvo, 850; centeio, 700; trigo, 1$080; feijão branco, 1$300; dito vermelho, 1$300; dito amarelo, 900; dito fradinho, 700; painço, 1$000; batatas, 500; ovos, duzia, 160; galinhas, uma 550.

MARIA PASTOR, participa às suas ex.mas freguesas, que sua filha regressa do Porto no dia 31, onde esteve dois mêses num dos melhores atelieres a estudar os modelos de inverno.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

Faz saber, para conhecimento dos interessados, que por espaço de 30 dias a contar da data do presente edital desde as 10 ás 16 horas de todos os dias úteis, se acha aberto o cofre municipal para a cobrança dos fóros vencidos no dia 29 de setembro do corrente ano.

São prevenidos os interessados de que os conhecimentos dos referidos fóros, que não fôrem pagos durante o indicado praso, serão relaxados, afim de ser cobrada a sua importância por meio de execução administrativa na conformidade da lei, tendo porisso os interessados de pagar as custas a que derem causa.

E para constar se publica o presente e outros de egual teor que vão ser afixados nos logares do estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal, 26 de Outubro de 1914. E eu **José Maria Gomes Alves**, chefe da Secrtataria da Câmara o subscrevi.

O presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

VENDE-SE

Uma casa de habitação, sita na Travessa de Camões n.os 23 a 25, construida de pedra, completamente nova, composta de dois andares com salas, quartos e água furtada.

As trazeiras, bastante desafogadas e com lindas vistas, confrontam com uns quintais.

Tratar com o próprio dono, António Marinho, Hospedaria Pinheiro.

Regimento de infantaria n.º 20

Anúncio

O conselho administrativo deste regimento faz publico que no dia 12 de Novembro proximo, pelas 13 horas, e na sala das suas sessões, se procederá á arrematação em haste publica para o fornecimento de concertos no calçado das praças deste regimento, e suas adidas, pelo tempo de um ano, desde 1 de janeiro até 31 de dezembro de 1915.

Cada proposta, formulada segundo o modelo junto ao caderno de encargos, e acompanhada da quantia de 20$00, como caução provisoria, será entregue na secretaria deste conselho administrativo até á hora anunciada para a arrematação.

As respetivas condições e o caderno de encargos acham-se patentes na mesma secretaria em todos os dias uteis, desde as 11 ás 15 horas.

Quartel em Guimarães, 27 de outubro de 1914.

O secretario do conselho administrativo,

Bernardino José Vieira.

Alferes da Infantaria n.º 20.

Companhia de Seguros
A Urbana Portuguesa

Socied. anon. de resp. limitada

Capital social . . . 340:000$
Capital realisado . 34:000$

ESTA antiga Companhia toma seguros contra fogo em prédios, mobilias, mercadorias, estabelecimentos, fábricas, seáras, pastagens e gados de todas as especies; riscos de mar, de rios, quebra de vidros fixos ou em viagem, *gréves*, etc., para o que tem o seu depósito de garantia (25 contos) no ministério das finanças, feito a favor dos senhores segurados.

Tem correspondentes nas principaes terras.

Aceita angariadores de seguros—Séde no Porto—Rua Infante D. Henrique, 45 1.º—Aberto das 10 horas ás 15 e meia—Telefone n.º 843.

Representante em Guimarães—Sr. Francisco António Alves Mendes.

Prédio

Vende-se um com três portas, dois andares e águas furtadas, sito na Praça D. Afonso Henriques, 86, 88, Guimarães.

Também se vende um santuário de pau preto, estilo Luís XV.

Tratar com a proprietária no mesmo prédio.

---

to, engana-se. Digo apenas que não nos entendemos.

—Porquê?

—Porque a senhora procura, a todo o transe, incompatibilizar-me com seu filho. Para rehaver o que perdeu serve-se de todos os meios. O seu poder é tamanho que as próprias virtudes convertem-se em crimes quando a senhora as exercita. A senhora distribue, em esmolas fartas, os géneros da dispensa para que meu marido tenha razão de dizer que não me preocupo com a casa. De sorte que a própria Caridade presta-se infamemente aos planos da sua intriga. Julga que não percebo os seus movimentos astuciosos? Porque me deixa a sós com meu primo? Porque o elogia com tanto ardor? Porque o convida com tanta insistência para os nossos jantares? Quer seduzir-me com êle... Oferece-me o fruto proibido, não é verdade?

—A senhora insulta-me.

—Com os seus próprios actos: é como se lhe mostrasse um espelho. Não a insulto, provo-lhe apenas que estou prevenida e que não lhe darei o prazer de vêr aparecer o anjo à porta do Paraiso. Tenho sofrido de mais. Porque me deu o nome de filha? Porque me foi cingir a fronte com a capela nupcial, que é hoje uma corôa de espinhos? Quando me abriu os braços eu devia ter visto que me atirava sôbre uma cruz. Fui traída. E' contra a traição que me revolto. Dissesseme francamente—e eu respeitaria o seu egoismo—: «Sou mãe, quero êste homem para o meu coração: é meu filho, gerei-o, criei-o, eduquei-o; é a minha carne, é minha alma. Deixe-mo.» E eu, ainda que me custasse a vida, faria o sacrifício de o esquecer. Mas não, a senhora iludiu-me com afagos, foi carinhosa em extremo—arrancou-me dos braços de minha mãe e... como me trata? Que sou eu aqui? a escrava, peior ainda: a vitima. Que espera de mim? uma falta...

—Espero que seja a esposa que eu imaginava.

—E como queria que eu fôsse? uma serva humilde e rastejante que desse aos seus pés as primicias dos beijos que devo á boca de meu marido? Não! A senhora é mãe apenas, eu sou esposa e mãe. Enquanto era só, sofria pacientemente, hoje envolvo uma existência em princípio; defendo um novo ser: sou, perante Deus e o amor, responsavel por uma vida que se revolta em meu selo contra as perseguições que a atingem. Espanta-se? As minhas palavras causam-lhe surpresa. Compreendo: Julgava-me estéril e mantinha a esterilidade com a tortura. Apezar dos maus tratos quis Deus que o amor triunfasse. A senhora é mãe e sabe de quanto é capaz o coração materno. Somos eguais: o mesmo instinto que a faz cruel dá-me agora energia. Lutemos! A alma foi tocada, não o será o ventre. O duelo vai ser tremendo, saiba, porêm, que entro nele como esposa e mãe: são dois amores que mo fortalecem—se não conseguir vencer o esposo, vencerei o pai. Porque me olha assim? desconfia, talvez, da legitimidade do meu tesouro? Há de vê-lo. Era meu intuito conservar o segredo até que a própria vida, triunfando, viesse denunciá-lo, não teve força para tanto. As suas maldades irritavam-me de tal modo que receei pela sorte da inocência de que sou a depositária. E aqui estou, de pé, capaz de todas as resistências por amôr do filho que em meu seio palpita. E a senhora bem sabe que as mães são capazes de tudo, por amor dos filhos, não é verdade? De tudo?

Encaram-se em silêncio: uma sorrindo triunfante, outra com os olhos em fogo, de onde caem, em gotas lentas, grossas bagas de pranto.

Coelho Neto.

Horário dos combóios

Ascendentes

	ESTAÇÕES		* Diário	•• Rápido Diário	• Dias uteis	* Diario	* Correio Diario	• Dias uteis	•• Domingos e dias fer.
Linha de Guimarães	FAFE	P.	4,50	7,15		12,28	16,05		
	Guimarães	C.	5,43	8,08		13,21	16,58		
	»	P.	5,51	8,16	10,49	13,29	17,07	19,57	21,30
	Vizela	P.	6,12	8,33	11,13	13,49	17,30	20,18	21,50
	Lordelo	P.	6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30	22,01
	Negrelos	P.	6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44	22,13
	Santo Tirso	P.	6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04	22,33
	Trofa	C.	7,19	9,30	12,23	14,54	18,39	21,25	22,52
				Directo		Expresso			
Linha do Minho	*Valen a*	P.	3,23	6,	7,55	13,20	15,25	16,40	18,50
	Vianaç	P.	5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19	21,7
	Braga	P.	6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04	22,05
	TROFA	P.	7,00	9,44	12,41	15,54	18,37	21,47	23,07
	Porto	C.	8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,04	23,56
L. da Companhã	*Trofa*	P.	8,06	9,46		15,05	19,58		
	Braga	C.	8,56	11,15		15,58	21,29		
	Viana	C	8,31	11,47		16,26	22,33		
	Valença	C	10,50	13,19		17,31	0,17		
	POVOA	C	8,51			17,20			
			Rápido		Expresso	Rápido			
Norte	*Porto*	P	8,35		15,48	17,54	19,57		
	Campanhã	P.	8,48		16	18,05	20,30		
	Lisboa	C.	14,31		1 ,13	23,53	6,25		

Descendentes

			Rápido			Expresso	Rápido			
Norte	*Lisboa*	P.	18,55		21,35	21,35	8,30			
	Campanhã	C.	0,19		7,35	7,35	14,07			
	Porto	C	0,32		7,50	7,56	14,17			
							Expresso	Directo		
L. Minho	Porto	P.	4,30	7,20	7,44	8,43	14,18	17,10	18,44	18,44
	Trofa	C.	5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50	19,53	19,53
	Trofa	P.	5,51		8,36	9,46	15,05	17,52	19,58	
	Braga	C.	7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58	21,29	
	Viana	C.	8,31		10,25	11,47	16,26	19,20	22,33	
	Valença	C.	10,50			13,19	17,31		0,17	
	L. da POVOA	P.	4,35			8,03			16,35	16,35
			* Diário	• Dias úteis	•• Domingos e dias fer.	* Correio Diario	* Diario	Rápido Dias uteis	• Domingos e dias fer.	* Dias uteis
L. de Guimarães	TROFA	P'	6,35	8,11	8,47	9,58	16,10	18,00	20,10	20,20
	Santo Tirso	P'	6,57	8,31	9,11	10,20	1,635	18,18	20,31	20,44
	Negrelos	P'	7,18	8,54	9,29	10,41	1,656	18,35	20,48	21,04
	Lordelo	P.	7,33	9,08	9,41	10,54	17,11	18,46	20,59	21,18
	Vizela	P.	7,48	9,24	9,54	11,08	17,26	18,58	21,12	21,32
	Guimarães	C.	8,07	9,44	10,12	11,27	17,44	19,14	21,29	21,51
	»	P.	8,18			11,34	17,52		21,36	22
	FAFE	C.	9,13			12,28	18,47		22,32	22,53

* Paragem de 1 minuto emEspinho, Madalena, Covas,Penha,Cepães e Palmeira
◑ Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
• Idem em Madalena, Covas e Cepães.
• Idem em Espinho, Madalena e Covas.
•• Idem em Espinho, Madalena, Covas e Palmeira.
•• Idem em Cepães.

Livraria editora
GUIMARÃES & C.ª

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Escrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Genoveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuilet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A bêsta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dôr universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A saír:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A saír:

Bug Jargal—Han-d'Islândia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a milhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é tambem a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Iluminai as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sôbre iluminaçãs intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gazolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICORDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sôbre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,
João Velozo de Araujo.

Antiga Mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estranjeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estranjeiras, fructas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28—GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha ingleza—Café puro especial.
Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

DISPONÍVEL

Atelier de costura

DE

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilete de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

Oficina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

—DE—

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69

(Antigo Largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta oficina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sois em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos. Perfeição. Preços módicos.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,,

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, ano (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 „	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA — *Ao Cidadão*